Notas Bibliográficas

CASALEGNO, Alberto: *Ler os Atos dos Apóstolos*. Estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Loyola, 2005. 472 pp., 21 x 13,5 cm. ISBN 85-15030-59-4.

Alberto Casalegno SJ é biblista, foi professor do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Atualmente ensina Sagradas Escrituras na *Pontificia Facoltà Teologica dell'Italia Meridionale*. Agora brinda o público com mais um livro a respeito da obra lucana, desta feita sobre os Atos dos Apóstolos (*At*).

Não é surpresa para quem já está familiarizado com o método do Pe. Casalegno que este segundo livro sobre a obra lucana reúna comentários ao texto bíblico, roteiros de estudo (por meio de perguntas) e abordagem teológica destacando os principais temas tratados pelo hagiógrafo. Como todas as obras do Pe. Casalegno, este livro é bastante didático e exige do leitor um contato mais profundo com o texto bíblico.

O objetivo principal do Autor é mostrar que Lucas, no livro dos *At*, faz uma teologia da missão. Para tanto, na primeira parte da obra, o A. dedica-se a questões introdutórias nas quais expõe algumas linhas orientadoras, mostrando, principalmente, a continuidade entre os *At* e o terceiro evangelho. Em seguida, delinea algumas características literárias, destacando a chave de leitura do segundo tomo da obra lucana que se encontra em *At* 1,8: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra” (p. 45). Esta chave hermenêutica vincula os *At* ao terceiro evangelho e, ao mesmo tempo, demonstra que o desenvolvimento da missão realizada pelos seguidores de Jesus atinge o mundo pagão.

Para evitar o fundamentalismo e o historicismo – este último muito comum a uma leitura desatenta dos *At* e que tenta fazer de Lucas um historiador, esquecendo-se que se trata, antes de tudo, de um teólogo –, o Pe. Casalegno destaca que: “o relato dos Atos dos Apóstolos se apresenta, assim, como um conjunto de episódios exemplares, vivos e paradigmáticos... com a intenção de indicar as linhas básicas e, de certa forma, ideais da existência cristã de todos os tempos” (pp. 46-47). O A. enfatiza esta tese quando mostra elementos indicativos de que “o livro dos Atos dos Apóstolos não pode ser considerado uma história da Igreja primitiva. (...) Seu interesse é simplesmente o de apresentar a chegada do evangelho de Jerusalém a Roma” (pp. 48-49).

A segunda parte da obra do Pe. Casalegno aborda a leitura do texto bíblico dos *At*, mostrando o trajeto da difusão da Palavra de Deus e sua força transformadora no poder do Espírito. Trata-se de um itinerário da missão de Jerusalém a Roma,

do tempo de Jesus ao tempo da Igreja. Nesta parte de sua obra, o A. faz o comentário bíblico propriamente dito.

Na terceira e última parte do livro, o A. expõe uma reflexão acerca da missão, a partir dos seguintes temas: o anúncio de Jesus e alguns títulos messiânicos relevantes nos *At*, as características da missão (seus protagonistas, estratégias e desafios), as atitudes de judeus e pagãos e, por fim, a Igreja e a missão.

O livro do Pe. Casalegno é uma importante contribuição para o estudo da obra lucana, especialmente para alunos dos Cursos de Teologia, mas também para a formação dos cristãos em geral.

Aíla L. Pinheiro de Andrade

FILGUEIRAS, Tarciso S.: *Ensaio sobre Jesus. Revelando o Homem*. 2ª ed., São Paulo: Livro Pronto, 2006, 257 pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-98627-07-0.

O professor Tarciso Filgueiras é pós-doutor em botânica, tem várias obras publicadas em âmbito nacional e internacional, além de manter parcerias em pesquisas com organismos internacionais. É um pesquisador de renome e um dos maiores especialistas na família das gramíneas. Este é seu primeiro trabalho fora de sua área de investigação.

Esta obra que ora nos apresenta é um livro para quem tem curiosidade de saber mais sobre a figura humana de Jesus e os primórdios do cristianismo. “Este ensaio foi escrito por um autor laico e destina-se a leitores laicos” (p.17), adverte o Autor na introdução. Com o termo “laico”, o professor Tarciso quer dizer que sua obra não “segue a filosofia religiosa de qualquer denominação cristã”, pois o Autor é “formal e intelectualmente desvinculado de quaisquer agremiações religiosas, cristã ou não” (p. 18).

Esta é a maior riqueza deste livro para um leitor teólogo: conhecer o ponto de vista de um cientista não religioso a respeito de Jesus. De fato, o A. deixa claro que pretende investigar o Jesus histórico com o mesmo rigor do método científico que está acostumado a utilizar em suas pesquisas na área biológica. Obviamente, o método científico para se pesquisar acerca de um personagem histórico deverá incluir a análise textual, o conhecimento da cultura, da geografia, da história, etc. Um método diferente daquele utilizado para se estudar as gramíneas, mas com o mesmo rigor científico. A este respeito, o A. deixa bem claro que é fortemente influenciado pela técnica de interpretação de textos, “descrita pela teóloga australiana Barbara Thiering, chamada ‘pesher’” (p. 32).

Depois do prefácio e de uma análise minuciosa de vários aspectos introdutórios ao tema do livro, exposta nos quatro primeiros capítulos – introdução (cap. 1), alguns conceitos (cap. 2), cenário e antecedentes (cap. 4) –, o A. inicia sua abordagem sobre Jesus. Logo após tratar do nascimento até a juventude de Jesus (cap. 5), o A. considera o surgimento de João Batista (cap. 6). Em seguida, volta a Jesus, analisando sua personalidade, sua vida pública e suas relações familiares (cap. 7-9).

Como o A. utiliza-se de várias fontes de pesquisa – livros apócrifos, vidas de Jesus, rolos de Qumran e, principalmente, a obra de Barbara Thiering –, não poderia faltar um capítulo sobre Maria Madalena e as especulações sobre seu casamento com Jesus (cap. 10). Contudo, o A. adverte que não consultou obras de ficção estilo Dan Brown (cf. p. 32).

Depois do capítulo sobre Maria Madalena, o A. expõe suas considerações sobre o final da vida de Jesus (cap. 11) e a origem do cristianismo com Paulo de Tarso (cap. 12). Por fim, aborda o surgimento do dogma cristão (deificação de Jesus, cap. 13) e o messianismo qumrânico (cap. 14). O epílogo trata das seitas protocristãs e da parceria da Igreja com a Roma imperial.

Recomendo a leitura do livro do Professor Tarciso como obra científica de conhecimento geral – sob a ótica de um autor desvinculado do âmbito religioso – a respeito dos primeiros séculos da era cristã. O diálogo entre fé e ciência é fundamental em nossa época, e o discurso diferente sempre é enriquecedor. O exercício da verdadeira tolerância significa exatamente respeitar a verdade no diferente.

Contatos com o autor ou editor:
www.livropronto.com.br
e-mail: ensaiojesus@yahoo.com.br

Aíla L. Pinheiro de Andrade

VARO, Francisco: *Rabi Jesús de Nazaret*, 2ª ed. rev. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006. 230 pp., 20,5 X 14 cm. (Col. Estudios y Ensayos, 78). ISBN 84-7914-786-5.

Francisco Varo (nascido em 1955) é professor de Sagrada Escritura na Universidade de Navarra. A obra em nossas mãos é uma apresentação dos dados históricos (documentais e arqueológicos) que temos a respeito de Jesus. Apresentação que procura ser a mais objetiva possível, sem (muita) apologética nem hipercriticismo. Para situá-lo no mundo da pesquisa do Jesus histórico, basta dizer que ele menciona com objetividade as opiniões de Gerd Theissen, Paul Meier etc., ou de autores mais especializados, como Flusser, Hengel (judaísmo, helenismo), Garcia Martinez (Qumran), Corbo, González Echegaray (arqueologia do tempo de Jesus).

Um sinal da preocupação didática é que não apenas o sumário detalhado, mas também a bibliografia (bem organizada) aparecem no início, de modo que o leitor sistemático já se pode situar na paisagem da leitura antes de estudar o produto. Nem por isso o livro se torna enfadonho. Está escrito num estilo muito fluente, direto e conciso. Traz, de forma extensa, dados e informações que em outros livros (mesmo no “manual” de Gerd Theissen e Annette Merz) são às vezes dados por pressupostos. Neste sentido é um excelente complemento dos mais recentes livros sobre Jesus e seu ambiente histórico. Não é de estranhar que conheceu duas edições em dois anos.

O primeiro capítulo trata da pesquisa em torno do Jesus histórico. Em vez da costumeira distinção de três etapas, distingue quatro: “old quest” (a pesquisa liberal, torpedeada por Albert Schweitzer), “no quest” (a dispensa da questão por

Kähler e Bultmann), “new quest” (Jeremias, Käsemann etc.), “third quest” (voltada para Jesus no seu ambiente histórico e sociológico: Horsley, Crossan, Theissen etc.). Pode-se dizer que o autor oferece materiais em função da “third quest”.

O segundo capítulo descreve com força evocativa a terra de Israel; o terceiro, com muitos detalhes, o marco histórico para situar Jesus (a partir da helenização depois de Alexandre Magno). O quarto capítulo fala da população na Palestina romana, sublinhando a forte penetração da helenização, inclusive entre as classes judaicas dirigentes em Jerusalém.

Seguem depois a vida familiar e social (cap. 5, um tanto breve), as crenças e práticas religiosas (cap. 6, com extensa descrição do ritual do templo depois do exílio), e as diversas tendências no judaísmo (cap. 7, que poderia ter sido um pouco mais penetrante: nem fala do movimento batista). Didaticamente muito interessantes são os capítulos 8 e 9, respectivamente sobre Jesus nas fontes pagãs e nas fontes judaicas, estas muitas vezes subestimadas por outros autores. O autor exibe um profundo conhecimento e boa exposição das tradições e métodos rabínicos.

A visão própria do autor vem à tona sobretudo a partir do cap. 10, “Un rabino autodidacta”. Jesus é situado no mundo do estudo e transmissão da Lei no ambiente sinagoga (e farisaico). Interessante é o rápido levantamento de vestígios de “escolaridade” nos próprios livros do AT, desde os Profetas Anteriores. O acento, porém, cai sobre o sistema de ensino no século I d.C. No cap. 11 (“Nadie ha hablado como este hombre”) mostram-se as semelhanças e as diferenças entre Jesus e os rabinos de seu ambiente nos diversos gêneros literários: as parábolas, a nova halacá, o audacioso “Mas eu vos digo”, a ressignificação do “puro” e do “sagrado”, a nova fala sobre Deus como Pai (na interpretação um tanto superada de J. Jeremias e W. Marchell). O cap. 12 situa os traços carismáticos de Jesus (curas, exorcismos, milagres) sobre o pano de fundo de seu tempo e ambiente, inclusive os taumaturgos judeus e pagãos. Os cap. 11 e 12 tratam da história da morte e ressurreição e do anúncio pós-pascal (“No están borrachos”), e o cap. 13 examina então o querigma da morte e ressurreição de Jesus, com inclusão da sua interpretação nos apócrifos (fantasiosos) e nos evangelhos da infância segundo Mateus e Lucas, expressões da fé na messianidade e missão divina de Jesus.

O livro não representa propriamente um “progresso da pesquisa científica”. É um livro que com sobriedade apresenta elementos para refletir sobre três perguntas que muitos hoje declinam de antemão: Jesus existiu, é o Cristo (Messias), é Deus? (p. 209). A meu ver poderia ser um pouco mais crítico (por exemplo, quanto à atribuição dos milagres ao próprio poder de Jesus e não à oração como no caso dos rabinos: as histórias dos rabinos não foram escritas por uma comunidade pós-pascal...). Há algumas lacunas no material apresentado: a grande pluralidade dos judaísmos no tempo de Jesus, o movimento batista, a influência pagã na Galiléia etc. É uma “primeira abordagem” (p. 222), que apresenta de maneira muito clara, e às vezes com observações inéditas, um material razoavelmente seguro em torno do rabino Jesus de Nazaré. Pode ser considerado “clássico” no sentido original deste termo: muito útil para as classes da universidade. O autor conhece os limites de sua obra. Não responde às perguntas propriamente cristológicas que só na fé encontram uma resposta (p. 223). E concorda com a frase final: para quem quer conhecer “a fondo” Jesus de Nazaré, existem quatro livros excelentes: os quatro evangelhos (canônicos) (p. 224).

Johan Konings SJ

NADEAU, Marie-Thérèse: *La Tradition. Un héritage à faire fructifier*. Montréal, Médiapaul, 2004. 150 pp., 21, 5 x 14 cm. (Collection Brèches théologiques, 42). ISBN 2-89420-621-6.

A autora é uma religiosa, professora de teologia dogmática no Colégio Dominicano em Ottawa, Canadá. Apresenta, de maneira clara, didática e precisa, teologia atualizada sobre o amplo e importante tema da Tradição. Segue o clássico método da leitura diacrônica da questão, depois de conceituá-la. Assim no primeiro capítulo, dedica-se a precisar o conceito de Tradição no sentido geral e na acepção teológica. Realidade dinâmica com potencial inesgotável. Distingue o sentido ativo do ato de transmitir e o conteúdo que é transmitido de modo vivo. Recorre ao conceito de Blondel para a significação geral e ao de Congar para a questão teológica.

Em capítulo seguinte, salienta a importância de correta inteligência da Tradição, contrapondo-a a posições extremas: fideísmo, fundamentalismo e racionalismo. Aponta no final do capítulo reflexões de M. Heidegger por meio da interpretação de Peter Lengsfeld.

Fechando a primeira parte, dedicada à explicitação do conceito, trata das leis da Tradição religiosa. Esta oferece no interior das tradições culturais da sociedade o acesso ao último, ao absoluto, ao que ultrapassa as possibilidades individuais e coletivas. Fazem parte de seu processo constitutivo, como tradição religiosa, os ritos, os mitos, as fórmulas consagradas, a autoridade e finalmente o duplo movimento de continuidade e atualidade.

As segunda e terceira partes do livro dedicam-se à fonte bíblica – Antigo e Novo Testamento – da Tradição e aos ensinamentos do Magistério da Igreja nos três grandes Concílios de Trento, Vaticano I e II.

São as fontes para aprofundar o conceito de Tradição na teologia católica. Nos textos do Antigo Testamento, defrontamo-nos com tradições literárias bem diversificadas e hoje identificadas pelos exegetas: javista, eloísta, deuteronomista, sapiencial, profética. Nelas encontramos aqueles elementos que foram indicados como leis da tradição: experiência do sagrado, ritos, mitos, fórmulas consagradas, autoridade e continuidade/atualidade. A mesma estrutura se encontra nas tradições do Novo Testamento, também diversas e analisadas pelos exegetas.

Trento, em oposição aos Reformadores que insistiam na “*sola Scriptura*”, precisou a posição católica da relação entre Escritura e Tradição, especialmente a Tradição oral apostólica. O Concílio Vaticano I acentua antes a eclesialidade da Tradição, o papel do magistério. E o Concílio Vaticano II brindou-nos com a *Dei Verbum* que trata da Revelação numa concepção dinâmica, das etapas, repondo o problema da relação Escritura e Tradição em perspectiva ecumênica.

O livro é didático, claro e serve a alunos de teologia, a catequistas, para terem idéia ampla e histórica da Tradição. É convite, como diz o título, a fazer frutificar uma herança: a Tradição.

João Batista Libanio SJ

BOECKER, Hans Jochen: *Orientação para a vida: direito e lei no Antigo Testamento*. Tradução do original alemão de 2000 por Erica L. Ziegler. São Leopoldo: Sinodal / Escola Superior de Teologia, 2004. 128 pp., 18 X 13 cm. ISBN 85-233-0768-0.

O A., biblista alemão, propõe-se introduzir o público no mundo das leis, do direito e da prática jurídica do Antigo Testamento. A obra é de fácil leitura, não apenas pela concisão, mas também pela linguagem leve, desprovida de terminologia excessivamente técnica.

Divide-se em duas partes. Na primeira, o A. faz uma introdução mais geral a três aspectos: os procedimentos jurídicos no antigo Israel; as formas básicas do direito veterotestamentário e os três grandes códigos legais presentes no Antigo Testamento (Código da Aliança, Lei de Santidade e Código do Deuteronômio).

Ao longo da segunda parte, o A. apresenta e comenta alguns preceitos jurídicos. Quando se dá o caso, são apresentadas as várias versões das mesmas leis nos códigos bíblicos, bem como as interpretações de algumas dessas leis em tradições diversas (especialmente na rabínica e na luterana). Esses exemplos de como abordar e interpretar trechos legais do AT servem como boa orientação para que o leitor possa aventurar-se, ele mesmo, a abordar e estudar outros textos desse tipo.

Como não poderia deixar de ser, devido à sua importância, um espaço considerável é reservado ao estudo do Decálogo. Após analisar as suas duas versões (em Ex 20,1-17 e em Dt 5,6-21), o A. discute os diversos modos de organização daqueles textos, segundo diferentes tradições (judaica e cristãs), de modo a que se chegue ao número total de dez preceitos. Em seguida, o A. apresenta cada um dos dez mandamentos acompanhado de um estudo ao mesmo tempo exegético e hermenêutico. Por fim, a conhecida Lei de Talião é também estudada de modo comparativo com outras formulações semelhantes em culturas da Antiguidade.

O livro é provido de ilustrações de Joachim Krause. Trata-se de dez desenhos, cada um ilustrando, de modo atualizante, um dos dez mandamentos. Como anexo, no final do livro, encontra-se um breve comentário do próprio ilustrador a cada um de seus desenhos. Um prático índice das passagens bíblicas estudadas encerra a obra.

No atual contexto dos estudos bíblicos, essa obra vem prestar um grande serviço. Não se encontram facilmente estudos sobre os textos legais do Antigo Testamento que sejam, ao mesmo tempo, sérios e acessíveis. Há profusão de estudos dos textos narrativos, em detrimento da abordagem dos textos legislativos. Contudo, não podemos esquecer que boa parte do Pentateuco é formada exatamente por esse tipo de texto, a tal ponto que na tradução para o grego, a Torá (= instrução, orientação) foi chamada de *nómos* (= lei). E foi assim que também as primeiras comunidade cristãs chamavam essa parte fundamental da sua Bíblia.

Conhecendo as dificuldades que se costumam encontrar no âmbito da tradução em nosso país, merece um elogio o trabalho levado a muito bom termo por Erica Ziegler.

Claudio Paul SJ